



Retratos de San Félix: Patrimônio Imaterial Afro-Argentino

Portraits of Saint Felix: Afro-Argentine
Intangible Heritage

Retratos de San Félix: Patrimonio Inmaterial
Afroargentino

Virginia Yunes

Professora da Universidade do Estado de
Santa Catarina (UDESC)

e-mail: vyunes@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0001-8780-5327>

Apresentação

O pequeno distrito de San Félix (outrora El Rosário) fica localizado na zona rural, no departamento de Jimenéz, a 130 quilômetros ao norte da capital do Estado de Santiago del Estero, norte da Argentina — capital mais antiga do país, fundada por colonizadores espanhóis e conhecida como Mãe das Cidades. A origem da comunidade de San Félix remonta ao tempo colonial. Por essa região passava o Caminho Real ao Alto Peru — uma rota de intensa circulação de pessoas e bens, que transportava entre tantas mercadorias, o ouro e a prata da cidade de Potosí, sul da Bolívia, rumo às cidades de Córdoba e ao Porto de La Plata, em Buenos Aires. Razão da forte presença de africanos e brasileiros escravizados naquela região. Atualmente, a localidade tem uma população com cerca de 200 habitantes, distribuídos em 45 famílias e se caracteriza por ser o único povoado onde todos, homens e mulheres, são afrodescendentes, trata-se da única comunidade afrodescendente que existe e resiste no país.

Reza a lenda que um casal de escravizados libertos foram os primeiros moradores deste lugar e deles descende uma grande família que deu origem ao povoado. Foi o início de uma linhagem de raízes africanas que hoje soma seis gerações. Ele era de origem africana e chamava-se Julián del Rosário Guerra. Ela era brasileira de nome Felipa Iramain. Quando se casaram, no final do século XIX, receberam do seu então patrão, Javier Frias, proprietário de muitas terras, uma pequena parcela com cerca de 1800 hectares (uma légua quadrada, como diziam antigamente). O casal teve nove filhos, uma mulher e oito homens. A primogênita, Felipa Guerra, apaixonou-se por Félix Alderete, capitão das montoneras, espécie de milícia militar irregular que atuava no âmbito rural, casou-se com ela e ficou na região até os últimos dias de vida, vindo a falecer com 104 anos. Em sua homenagem, o lugar trocou de nome e passou a ser chamado de San Félix. Felipa Guerra era uma mulher negra e Félix era um espanhol alto, loiro e de olhos claros, desta união resultou o nascimento de pessoas com fenótipos bem distintos. Entretanto, os membros da atual comunidade se reconhecem como descendentes e reafirmam, desta forma, suas raízes negras. Não se trata, portanto, da cor da pele, mas de sangue, de herança cultural e de orgulho pelos seus antepassados. (cf. MASLIAH, 2013; RUBIO, 2017).

Naquele tempo não circulava dinheiro, viviam de forma totalmente comunitária, criavam animais e cultivavam o solo, e na partilha foi se formando um povoado com mais de 160 famílias. Com o tempo, surgiu a necessidade de emprego e muitos habitantes começaram a trabalhar de forma nômade e outros migraram. Entretanto, no povoado de San Félix conservaram muitas das tradições ancestrais.

A comunidade ocupa uma superfície de 2400 hectares de bosque nativo e de terra árida. Sua infraestrutura, nos dias atuais, é bastante precária, não tem eletricidade nem água encanada, o que é justificado, entre tantos motivos, pelo difícil acesso. Para chegar a San Félix é preciso seguir pela Ruta 5 até a cidade de Pozo Hondo, que figura nos mapas, e dali seguir por uma estrada de terra cheia de buracos numa velocidade máxima de 20 km/h. A maioria das famílias cultiva seus próprios alimentos e cria animais — cabras, ovelhas, porcos, vacas e aves — além de praticar caça e apicultura. As crianças contam com uma escola albergue, na cidade vizinha, El Bobadal, e o transporte para o traslado dos estudantes é subsidiado pelo Estado. Num pequeno posto de saúde um enfermeiro realiza primeiros socorros.

Existem muitas lacunas quando se conta a história desse lugarejo. De fato, se contava pouco e se ocultava muito, parte do processo da “política de branqueamento”, cujo discurso era de negação e invisibilidade, registravam negros e seus descendentes como brancos, pois acreditavam que o desenvolvimento do país estava ligado à cor da pele de sua população. Resta como testemunho depoimentos da história oral, um velho registro e as lápides no cemitério. Assim a história persiste em cada um de seus habitantes “portadores da memória”.

É comum pensar, erroneamente, que na Argentina não existem negros e descendentes de escravos. A população afrodescendente é vítima de um processo de ocultamento que é secular e cruel, e poucos são os que tiveram a oportunidade de conhecer a ignorada trajetória de seu povo. (MORAES, 2015).

Próximo de San Félix existem outras 14 localidades que tiveram sua origem semelhante, escravizados libertos e politicamente organizados, são eles: San Andrés, San Roque, San José, San Cristóbal, San Gregório, San Pedro, San Salvador, La Guanaca, La Isla, Bajo Alegre, San Isidro e San Antonio, todos num raio de 20 quilômetros. Mas, nenhum destes povos é considerado como sendo de origem puramente afro como San Félix. (ALVADO, 2020).

Na província de Santiago del Estero a maior parte da população é afrodescendente e, de acordo com o censo do início do século XIX, 54% da população assim se auto declarou. Desde 2011, o país vem trabalhando no processo de visibilidade afrodescendente e construção da identidade em todas as dimensões: histórico-políticas, cultural, educativa e jurídica. Em 2020, San Félix foi declarado Patrimônio Histórico, Cultural, Educativo e Turístico da Nação, pela UNESCO (CONGRESO..., 2020). Ficou

ainda determinado que se incorpore nos currículos de educação conteúdo relativo à história e cultura afro. Deste modo, a comunidade de San Félix constitui o epicentro nacional dos avanços e conquistas obtidas até o momento e é, portanto, considerada um espaço que se amplia para promover o respeito à diversidade cultural, combatendo todo e qualquer tipo de discriminação e xenofobia em todo o território argentino. (MINISTERIO..., 2014).

Durante o período do meu doutorado em Artes Visuais, de forma paralela à pesquisa da minha tese, interessei-me em conhecer e saber mais sobre as populações afrodescendentes presentes na Argentina, minha terra natal. Assim, quando tomei conhecimento de San Félix, viajei até o local em janeiro de 2015 e ali permaneci por apenas três dias, mas tive a oportunidade de visitar diversas casas, entrevistar alguns habitantes e fotografá-los. As imagens foram produzidas com uma câmera Canon EOS T7i e objetiva Canon EFS 24-70mm e os ajustes foram realizados com o editor para fotografias Photoshop e Lightroom, ambos da Adobe.

Este pequeno ensaio, longe de mostrar a riqueza cultural do local, procura construir narrativas distintas ao relato hegemônico da identidade argentina branca eurocêntrica ao tornar visíveis alguns habitantes afrodescendentes e sua comunidade. O conjunto de fotografias se propõe, primeiramente, a apresentar o retrato de alguns dos meus interlocutores, que carregam e contam as memórias mencionadas no texto. Para além das características étnico-raciais é possível observar na expressão dos diferentes olhares uma vida marcada pelas duras condições e pelo tempo. Algumas imagens mostram-nos detalhes arquitetônicos das casas e do seu entorno, e vários elementos revelam os afetos e lembranças dos moradores, retratados no aconchego de seus lares. Uma piscina improvisada no quintal permite que duas crianças se divirtam e se refresquem do calor que geralmente ultrapassa os 40 °C e “não perdoa” — como diz expressão local. Na varanda de outra casa um casal de idosos toma um “mate dulce” — chimarrão adocicado, hábito comum em toda Argentina. Como vivem? O que comem e como cozinham? Quais são seus hábitos? Como constroem as relações entre si? Estas e outras questões constituem esta pequena pesquisa fotoetnográfica.



Foto 1

Retrato de Dona Josefa. Foto: Virginia Yunes (01/2015).



Foto 2

Dona Josefa sentada na cama de seu quarto. Foto: Virginia Yunes (01/2015).



Foto 3

Um dos moradores de San Félix sentado no interior de sua casa. Foto: Virginia Yunes (01/2015).



Foto 4

Dona Josefa a caminho da casa vizinha. Foto: Virginia Yunes (01/2015).



Foto 5

No quintal da casa um forno a lenha usado para preparar as refeições. Foto: Virginia Yunes (01/2015).



Foto 6

Duas crianças tomam banho de piscina do quintal de casa sob a sombra de uma árvore e o calor de 46°C. Foto: Virginia Yunes (01/2015).



Foto 7

Processo de secar a carne ao sol. Foto: Virginia Yunes (01/2015).



Foto 8

Retrato de Dona Adelina. Foto: Virginia Yunes (01/2015).



Foto 9

Alguns utensílios pendurados na cozinha de uma das casas. Foto: Virginia Yunes (01/2015).



Foto 10

Dona Adelina com seu esposo e sua neta tomam chimarrão na parte externa da cozinha da sua casa. Foto: Virginia Yunes (01/2015).



Foto 11

Dona Josefa com Dona Adelina se despedem uma da outra. Foto: Virginia Yunes (01/2015).



Foto 12

Paisagem de San Félix. Foto: Virginia Yunes (01/2015).

Referências

ALVADO, Alicia. El pueblo de San Félix, corazón afro oculto de la Argentina. *Vertientes del sur*. histórias del presente notícias del passado, dez. 2020. Disponível em: <https://www.vertientesdelsur.com/post/el-pueblo-de-san-felix-corazon-negro-oculto-de-la-argentina>. Acesso em: 13 maio 2021.

CONGRESO DE LA NACION ARGENTINA. *Proyecto de declaración*. La cámara de Diputados de la Nación Argentina, 2020.

MASLIAH, Alberto. *El último quilombo*. Direção: Alberto Masliah, Produção: Alberto Masliah, Celeste Gonzales Castro. SombraCine, INCAA y del ICCA, Cine Argentino (Argentina, Kino Bureau), 2013. 1h e 5min: som, cor, DVD. Videodocumentário.

MINISTERIO DE JUSTICIA Y DERECHOS HUMANOS DE LA NACIÓN. Secretaría de Derechos Humanos. *Argentina, raíces afro: visibilidad, reconocimiento y derechos*. 1a ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 120 p. 2014.

MORAES, Mayara. *Estrangeiros no próprio país: a história dos afroargentinos*. Terra, Buenos Aires, 22 jul. 2015. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/america-latina/racismo-e-preconceito-conheca-a-historia-dos-negros-na-argentina,c865bcf0b6baa80e38f8046506f96d045h6hRCRD.html>. Acesso em: 13 maio 2021.

RUBIO, Davi. *Argentina también es afro: los colores de la piel*. Capítulo Completo. Direção Davi Rubio. Imaginada Films. Canal Encuentros, 2017. 19min.: cor, som, DVD. Videodocumentário.

Recebido em 07 de agosto de 2021

Aceito em 06 de março de 2022